

Uso de plantas nativas alimentícias em Santa Catarina

Juliana Garcia Knapik Justen¹, Luiz Toresan², Teresinha Catarina Heck³ e Neri Samuel Dalenogare⁴

Resumo – O conhecimento tradicional sobre o uso de plantas nativas na alimentação humana tem se perpetuado através das gerações. No entanto, o avanço da urbanização e a mudança no estilo de vida das pessoas estão levando à perda desse conhecimento. Neste artigo, utilizando dados do Levantamento Socioambiental (LSA), um componente do Inventário Florístico Florestal de Santa Catarina (IFFSC), são identificadas as espécies vegetais nativas que fornecem alimentos à população rural de Santa Catarina. A pesquisa etnobotânica adotou a entrevista semiestruturada, orientada por um questionário aplicado individualmente a 777 moradores que vivem nas proximidades de áreas florestais selecionadas através de um processo de amostragem sistemática que cobriu todo o Estado de Santa Catarina. Os resultados mostram um grande número de espécies nativas sendo utilizadas para fins alimentícios pela população rural, predominando as espécies da família das Mirtáceas. Contudo, o aproveitamento alimentar da flora nativa não tem grande importância econômica, estando a coleta e a extração de frutos e outras partes das plantas associadas, quase sempre, apenas ao uso doméstico.

Termos para indexação: Inventário Florístico Florestal, Levantamento Socioambiental, alimentos da floresta, etnobotânica.

The use of native plants as food in Santa Catarina

Abstract – Traditional knowledge related to the use of native plants as food has been perpetuated through generations. However, the advance of urbanization and changes in lifestyle are leading to the loss of this knowledge. In this paper, native plants commonly used as food by the rural population of Santa Catarina (SC) were identified based on data obtained from the Social and Environmental Assessment, an a component of the Santa Catarina Forest and Floristic Inventory. Ethnobotany information was originated from a semi-structured interview applied through an individual survey with 777 residents living near forested areas, selected through a process of systematic sampling which covered the entire state of SC. The results indicated that a large number of native species are currently being used as food by the rural population, predominantly species from the Myrtaceae family. Nevertheless, the survey also indicated that the utilization of native flora as food has no major economic significance in SC since the collection and extraction of fruit and other plant parts are associated almost exclusively to domestic use only.

Index terms: Forest and Floristic Inventory, Social and Environmental Survey, forest foods, ethnobotany.

Introdução

A biodiversidade brasileira é reconhecida como uma das mais expressivas da biosfera terrestre e tem papel importante no bem-estar e na saúde do homem. Entre os diversos produtos básicos fornecidos se incluem uma vasta quantidade de frutas, castanhas, raízes, caules, seivas, folhas e sementes que são ou podem ser usadas como alimento.

Nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil, produtos alimentícios como a castanha-do-pará, o açaí, o babaçu, o pequi, o caju e o umbu geram divisas substanciais aos que se dedicam à sua extração.

Em muitos casos, esses produtos constituem o único recurso disponível que determinada população rural tem ao seu alcance.

Na Região Sul do Brasil ocorreram diferentes ciclos econômicos de exploração de recursos florestais como fonte de alimentos, caso da erva-mate (*Ilex paraguariensis*), também conhecida como “ouro-verde”, do palmito (*Euterpe edulis*), e do pinhão (*Araucaria angustifolia*), atividades que ainda persistem (Fantini & Siminski, 2007).

No entanto, apesar de o Brasil ter a condição de país detentor da maior diversidade biológica do mundo, com 15% a 20% das espécies do planeta, a dieta alimentar é altamente simplificada

e dependente de recursos genéticos externos (Coradin et al., 2011). No Sul do Brasil o uso dos recursos vegetais nativos também foi muito influenciado pelo processo histórico de ocupação territorial. Os migrantes europeus, que se estabeleceram em grande número na região, tiveram papel importante na introdução e disseminação de cultivos trazidos de seus países de origem. O centeio, a aveia, a uva, as fruteiras (maça, pera, ameixa, pêssego, entre outras) são exemplos de espécies exóticas introduzidas e exploradas em larga escala na Região pelos colonos de origem europeia (Coradin et al., 2011).

Para Kinupp (2007) também em muitas comunidades rurais ou suburbanas o uso de plantas silvestres

Recebido em 4/6/2012. Aceito para publicação em 19/4/2013.

¹ Engenheira florestal, M.Sc., Epagri / Gerência Regional de Rio do Sul, fone: (47) 3542-0141, e-mail: julianeknapik@epagri.sc.gov.br.

² Engenheiro-agrônomo, Dr., Epagri / Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), fone: (48) 3665-5083, e-mail: toresan@epagri.sc.gov.br.

³ Engenheira-agrônoma, M.Sc., Epagri / Estação Experimental de Itajaí, fone: (47) 3341-5250, e-mail: tcheck@epagri.sc.gov.br.

⁴ Engenheiro-agrônomo, Epagri / Estação Experimental de Itajaí, fone: (47) 3341-5254, e-mail: dalenogare@epagri.sc.gov.br.

e seus produtos está sofrendo um processo de abandono, motivado pelo avanço da urbanização e pela mudança no estilo de vida das pessoas.

Segundo Rapoport & Ladio (1999), diversos fatores socioecológicos e culturais contribuem para o quase abandono do uso dos recursos naturais. Entre eles, destaca-se o fato de os hábitos alimentares, que em sociedades tradicionais eram transmitidos pela vivência familiar, estarem atualmente sendo fortemente ditados pelas propagandas veiculadas na mídia, principalmente a televisão. Para Grossman (1998), o aumento da renda pode afetar a intensidade do uso de recursos silvestres, dada a facilidade de aquisição de produtos substitutos nos mercados.

Embora tenham perdido espaço na dieta alimentar das pessoas, esses alimentos ainda são coletados e usados pelas populações que habitam próximo às áreas de disponibilidade natural. Brack et al. (2007) enfatizam que é pouco conhecida a importância atual das frutíferas nativas na alimentação humana, e não se dispõe de muitos levantamentos que indicam o número de espécies existentes com uso atual ou potencial para essa finalidade.

A pesquisa etnobotânica, ciência que teve origem nas numerosas observações de exploradores, missionários, naturalistas e botânicos, é uma ferramenta que permite estudar o uso de plantas por determinada comunidade (Davis, 1995). Buscando identificar as espécies de plantas nativas mais utilizadas, seus usos e sua importância para a população de Santa Catarina, dos pontos de vista econômico, social e cultural, a Epagri realizou o Levantamento Socioambiental (LSA), estudo etnobotânico que fez parte do Inventário Florístico Florestal de Santa Catarina (IFFSC). Neste artigo são apresentados alguns resultados dessa pesquisa relacionados ao uso de plantas nativas para fins alimentícios pela população rural catarinense.

Material e métodos

O Levantamento Socioambiental foi realizado por um grupo de pesquisadores da Epagri no período de agosto a dezembro de 2010, por intermédio de entrevistas diretas com proprietários de florestas nativas, agricultores e outros moradores que vivem nas comunidades próximas e no entorno de fragmentos florestais do estado de Santa Catarina.

Nas entrevistas foi aplicado um questionário semiestruturado contendo questões que buscaram obter informações sobre as características dos entrevistados e de seus domicílios, o uso dos recursos florestais nativos e sua importância para a família do entrevistado, bem como suas percepções sobre as florestas e seus recursos.

Para selecionar os fragmentos florestais em que os moradores próximos seriam entrevistados, foi tomada por base a rede de pontos amostrais utilizada no levantamento de campo do IFFSC. Esses pontos foram definidos por amostragem sistemática como sendo a interseção do cruzamento das linhas paralelas resultante de uma grade de 10 quilômetros por 10 quilômetros cobrindo todo o estado de Santa Catarina.

No levantamento Socioambiental foi selecionado o ponto com existência de remanescente florestal com área de 10 hectares ou mais, resultante da interseção do quadrante de 20 quilômetros por 20 quilômetros, da grade definida no IFFSC.

Na região Oeste do Estado, pela pouca cobertura florestal remanescente, admitiu-se um *buffer* de 500 metros para a alocação dos pontos sorteados. Ou seja, na ocorrência de um fragmento florestal com área superior a 10 hectares, localizado a uma distância de até 500 metros da coordenada correspondente à interseção das linhas que compuseram a grade de 20 quilômetros por 20 quilômetros,

esse ponto foi incluído como unidade amostral.

Com esses procedimentos foram selecionados 123 pontos amostrais para aplicação do questionário junto aos entrevistados. A seleção das pessoas para responderem os questionários foi realizada por uma amostra intencional. No entorno de cada um dos pontos amostrais foram entrevistados de cinco a dez moradores que habitavam a uma distância de até 3 quilômetros do ponto, os mais próximos, um por domicílio e somente da área rural. Obedecendo a esses critérios, foram realizadas 777 entrevistas.

Para facilitar a identificação das espécies mencionadas durante as entrevistas, foi utilizado um guia contendo fotos de várias espécies citadas na literatura como de uso em Santa Catarina, as quais eram apresentadas para ser associadas ao nome citado, sempre que dúvidas surgissem. Se persistissem dúvidas sobre a identificação de uma dada espécie, material botânico era coletado para posterior identificação com auxílio da bibliografia disponível ou de especialistas. Foram excluídas das anotações as espécies consideradas exóticas e subespontâneas⁵ no estado de Santa Catarina.

Resultados e discussão

Os entrevistados foram, em sua maioria, agricultores proprietários de florestas, com idades entre 15 e 91 anos, sendo 513 homens e 264 mulheres. A maioria das pessoas (58,7%) cursou somente o primário (atual Ensino Fundamental), e 30% não chegaram a finalizar esse nível de instrução. As famílias são compostas, em média, por 3,6 pessoas morando na unidade familiar, e a grande maioria delas possui renda mensal entre 500 e 2.000 reais, tendo em média 2,5 pessoas que recebem remuneração.

A grande maioria dos entrevistados (87,6%) possui áreas de floresta sob sua responsabilidade, quase ►

⁵ Plantas subespontâneas são aquelas que, oriundas de terras distantes, se instalam em uma região ou país sem a interferência deliberada do homem. Confundem-se, muitas vezes, com as nativas por fazer parte da paisagem e dos hábitos regionais ou nacionais. São exemplos de espécies subespontâneas: o dendezeiro, trazido de Angola e Senegal, nos navios negreiros; a banana, incorporada fortemente às nossas tradições pelos marinheiros portugueses que a trouxeram da África Ocidental no século 16, mas que é nativa no sul e sudeste da Ásia; a jaqueira, a caramboleira e a mangueira, vindas da Índia; o abacateiro, do México, etc.

sempre proprietários das terras. As informações ambientais são acessadas principalmente por intermédio da televisão e do rádio, e a internet é um recurso pouco utilizado pelos entrevistados.

A quase totalidade dos domicílios (99,4%) tem água encanada proveniente, principalmente, de nascentes (69,6%). Poucos entrevistados declararam possuir cisternas em suas propriedades e praticamente não é feito uso da energia solar para aquecimento de água nos domicílios.

A coleta e o uso de produtos nativos na alimentação humana pelos moradores que residem próximos às florestas catarinenses, ainda que de forma esporádica, são praticados por 60,1% do total de entrevistados, os quais informaram utilizar pelo menos um produto alimentício oriundo da flora nativa (Figura 1). O Vale do Itajaí é a região com o número relativamente maior de pessoas que utilizam alimentos coletados na floresta (71,4% dos entrevistados), enquanto na região da Grande Florianópolis menos da metade das pessoas entrevistadas fazem uso desses alimentos (45,9% dos entrevistados).

Foram identificadas, entre as plantas citadas nas entrevistas, 67 espécies nativas para uso alimentício, além de quatro plantas, identificadas pelo gênero, pertencentes a 27 famílias botânicas. A família mais representativa foi a das Mirtáceas, com 22 espécies indicadas como produtoras de alimentos, a exemplo das guabirobas, pitangas, cerejas e jabuticabas. No estado do Rio Grande do Sul, Brack et al. (2007) identificaram 109 espécies frutíferas de ocorrência natural naquele Estado, com base na bibliografia e em registros de herbários, que são utilizadas – ou que possuem potencial de uso – como frutas comestíveis pela população, também predominando as Mirtáceas, com 29 espécies produtoras de frutas alimentícias.

Um bom número de espécies, 25,4%, foi citado uma única vez, caso dos frutos da pimenteira (*Cinnamodendron dinisii*) e da raiz do crem (*Tropaeolum pentaphyllum*), ambos utilizados para condimento, e dos frutos do mamão-do-mato (*Jacaratia spinosa*) e da camarinha (*Gaylussacia brasiliensis*),

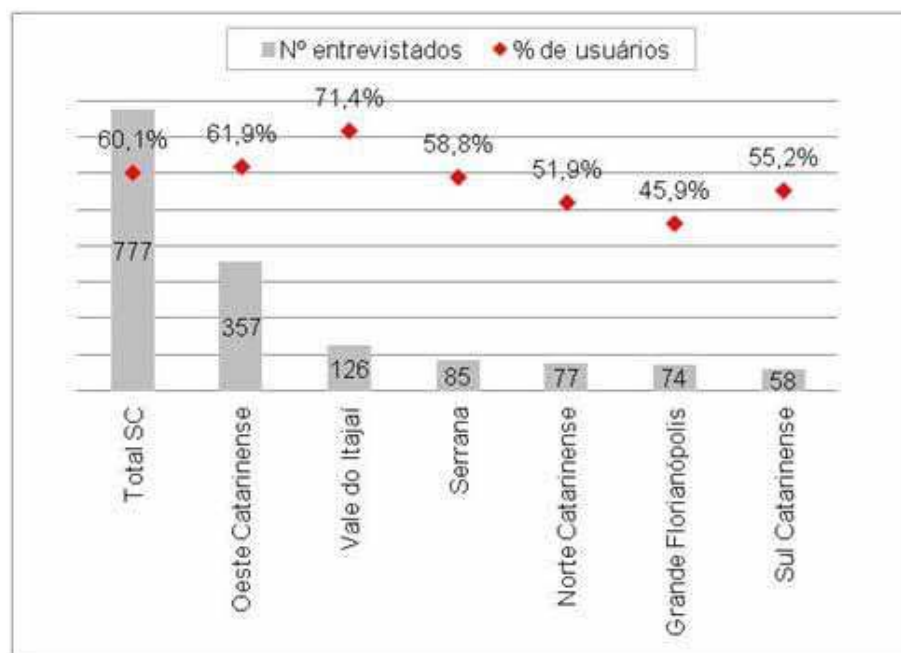


Figura 1. Número total de entrevistados no Estado de Santa Catarina e nas suas diferentes regiões, e percentual dos que declararam utilizar produtos alimentícios da floresta

cujos frutos são comestíveis.

Das espécies citadas, as mais frequentemente utilizadas para uso alimentício são a araucária (*Araucaria angustifolia*), pelo uso do pinhão (Figura 2), por 26,6% dos entrevistados, a guabiroba (*Campomanesia xanthocarpa*) (Figura 3) e a pitanga (*Eugenia uniflora*) (Figura 4), com 24,5% e 21,2% das pessoas entrevistadas respectivamente, declarantes de fazerem uso de seus frutos.

Também estão entre as plantas fornecedoras de alimentos mais consumidos pelos moradores do entorno de remanescentes florestais os araticuns (*Annona* sp.) (Figura 5), lembrados por 17,9% dos entrevistados, a cereja (*Eugenia involucrata*) (Figura 6), por 15,8%, a erva-mate (*Ilex paraguariensis*), por 10,8%, a jabuticaba (*Plinia trunciflora*), por 9,9%, a goiabaserrana (*Acca sellowiana*), por 8,2%, o bacupari (*Garcinia gardneriana*), por 8,1%, e a uvaia (*Eugenia pyriformis*), por 8,0%.

A Figura 7 mostra as espécies nativas da flora catarinense mais citadas como fornecedoras de alimentos nas diferentes regiões de Santa Catarina. Alguns produtos alimentícios, como o pinhão, e guabiroba, a pitanga, o araticum, o ingá e a amora-preta (*Rubus brasiliensis*), foram citados pelo uso em todas as regiões do Estado, mesmo em

locais que não são seu *habitat*.

Avaliando o destino da extração de frutos e outras partes das plantas com propriedades alimentícias, verifica-se, quase sempre, que o consumo está associado ao uso doméstico. Apenas 8,4% dos entrevistados declararam gerar renda pela venda de recursos da floresta, e para 60% dessas pessoas esse recurso não chega a representar 10% da renda anual da família. Para Siminski et al. (2011), que realizaram estudo com 68 agricultores familiares em seis municípios, das três regiões fitoecológicas de Santa Catarina, e identificaram 28 espécies nativas alimentícias, o uso dos recursos florestais nativos de Santa Catarina está, de maneira geral, restrito a apenas uma parcela da população rural e a poucos usos fortemente associados ao consumo doméstico das famílias.

A erva-mate e o pinhão foram citados como os produtos florestais nativos vendidos com mais frequência. A erva-mate tem importância comercial para 13% dos entrevistados nas regiões Norte e Oeste de Santa Catarina, enquanto o pinhão é coletado para a venda por 11,8% dos entrevistados da Região Serrana, regiões de ocorrência natural mais abundante dessas espécies respectivamente. Segundo Siminski (2009), na área de abrangência da Floresta Ombrófila Mista, que ►



Figura 2. Pinhão (*Araucaria angustifolia*)



Figura 3. Guabiroba (*Campomanesia xanthocarpa*)



Figura 4. Pitanga (*Eugenia uniflora*)



Figura 5. Araticum (*Annona* sp.)



Figura 6. Cereja (*Eugenia involucrata*)

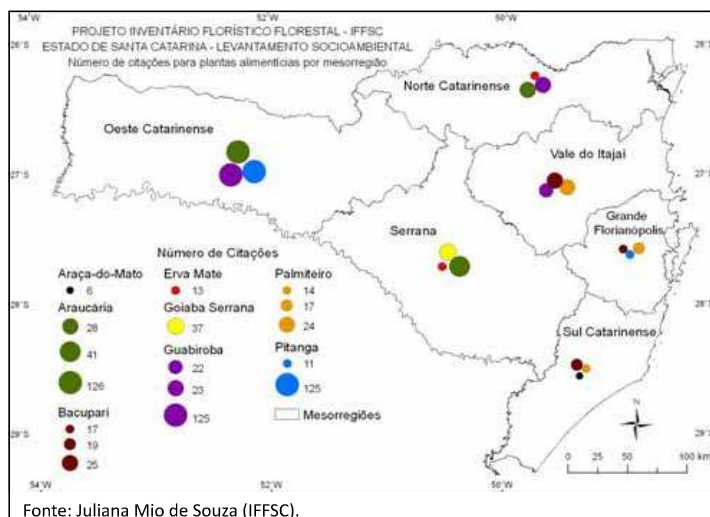


Figura 7. Frequência das citações das três espécies alimentícias mais utilizadas em cada Mesorregião do estado de Santa Catarina

compreende grande parte das regiões Oeste e Norte catarinenses, a erva-mate foi e continua sendo um recurso muito importante para a região, sendo até mesmo exportada para a Argentina, o Paraguai e o Uruguai.

No decorrer do levantamento foram observadas algumas experiências de coleta e comercialização de frutas de espécies nativas *in natura* ou processadas, mas, em geral, constatou-se pouco aproveitamento comercial das frutas de espécies da flora nativa e certo desconhecimento desse rico potencial econômico.

A exemplo da fruta mais citada neste levantamento, a guabiroba, segundo Coradin et al. (2011), seus frutos possuem excelentes perspectivas econômicas por possuírem características de aroma e sabor promissoras ao mercado de bebidas artesanais ou industriais. Kinupp (2007) também destaca o potencial dos frutos para produção de polpa concentrada e congelada para diversos fins, como a elaboração de sucos no momento do consumo.

Também foi objetivo das entrevistas atribuir importância alimentar e econômica dos recursos naturais coletados na floresta. Para o pinhão foi constatada importância diferenciada segundo as regiões de coleta e uso, seja para consumo doméstico, seja para venda. Enquanto 85% dos entrevistados da Região Serrana que utilizam o pinhão deram grande importância à sua coleta e utilização ou comercialização, em outras regiões do Estado a atribuição desse grau de importância foi bem menor: 59,1% na Região Oeste Catarinense, 53,6% na Região Norte Catarinense e 28,6% na Região do Vale do Itajaí. A atribuição de maior importância alimentar e econômica dos serranos ao pinhão se deve à tradição de seu consumo pelos moradores da região, bem como à destacada importância dessa semente como fonte de renda de muitas famílias que se dedicam à coleta e à comercialização do produto no período da safra.

Segundo Coradin et al. (2011), o aproveitamento adequado das espécies nativas fornecedoras de alimentos propiciaria aumento da diversidade alimentar e de renda para o produtor

rural, além de contribuir para a conservação ambiental, especialmente pela valoração real dessas espécies e de seu *habitat*.

Conclusões

O uso de produtos alimentícios oriundos das florestas nativas de Santa Catarina está associado, quase sempre, ao consumo esporádico de frutos, com exceção do pinhão e da erva-mate, que possuem contribuição direta na geração de renda para agricultores e comunidades tradicionais.

A grande diversidade de espécies nativas citadas com uso alimentício, com destaque para as espécies da família das Mirtáceas, demonstra o rico potencial de utilização da flora nativa na alimentação humana, seja para o uso doméstico, seja para o aproveitamento comercial.

A realização de pesquisas para o desenvolvimento de tecnologias que avaliem também o potencial como alimentos funcionais dos frutos e de outras partes das plantas em uso é fundamental para viabilizar melhor aproveitamento das espécies nativas como alimento.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapesc) pelo apoio financeiro ao projeto, e aos participantes do IFFSC.

Literatura citada

1. BRACK, P.; KINUPP, V.F.; SOBRAL, M.E.G. Levantamento preliminar de espécies frutíferas de árvores e arbustos nativos com uso atual ou potencial do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.2, n.1, p.1769-1772, 2007.
2. CORADIN, L.; SIMINSKI, A.; REIS, A. **Espécies Nativas da Flora Brasileira de Valor Econômico Atual ou Potencial: Plantas para o Futuro - Região Sul**. Brasília; Ministério do Meio Ambiente, 934p. 2011.
3. DAVIS, E.W. Ethnobotany: an old practice, a new discipline.

In: SCHULTES, R.E.; REIS, S. von (Eds.). **Ethnobotany evolution of a discipline**. Portland: Discorides Press, 1995, p.40-51.

4. FANTINI, A.C.; SIMINSKI, A. De agricultor a “agricultor silvicultor”: um novo paradigma para a conservação e uso de recursos florestais no Sul do Brasil. **Agropecuária Catarinense**, Florianópolis, v.20, n.1, p.16-18, 2007.
5. GROSSMAN, L. Diet, income, and agriculture in an Eastern Caribbean Village. **Human Ecology**, New York, v.26, n.1, p.21-42, 1998.
6. KINUPP, V.F. **Plantas alimentícias não-convencionais da região metropolitana de Porto Alegre**. 2007, 590f. Tese (Doutorado em Fitotecnia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007.
7. RAPOPORT, E.H.; LADIO, A. Los bosques andino-patagónicos como fuentes de alimento. **Bosque**, Valdivia, v.20, n.2, p.55-64, 1999.
8. SIMINSKI, A. **A floresta do futuro: conhecimento, valorização e perspectivas de uso das formações florestais secundárias no Estado de Santa Catarina**. 2009, 153f. Tese (Doutorado em Recursos Genéticos Vegetais) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2009.
9. SIMINSKI, A.; SANTOS, K.L.; FANTINI, A.C. et al. Recursos florestais nativos e a agricultura familiar em Santa Catarina – Brasil. **Bonplandia**, v.20, n.2, p.371-389, 2011. ■

As normas para
publicação estão
disponíveis no site:
www.epagri.sc.gov.br